

## ÉDIPO SOBREDETERMINADO: MAMÃE, PAPAI E EU ENQUANTO MÁQUINAS-DESEJANTES<sup>1</sup>

Jerry Aline Flieger\*

*Há tão somente o desejo e o social, e nada mais.*  
Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O anti-Édipo*

Por toda sua pioneira genialidade *O anti-Édipo*, o primeiro volume de *Capitalismo e Esquizofrenia* é, talvez, o trabalho mais desafortunado a galgar o éter da alta teoria<sup>2</sup>. A despeito de suas posturas antipsicanalíticas, Deleuze e Guattari não são, do meu ponto de vista, nem anti-freudianos nem mesmo “anti-edipianos”, no sentido mais interessante e sutil desses termos. Ainda assim, muitos recém-chegados ao desafiador corpus de trabalho de Deleuze (com e sem Guattari) começam com *O anti-Édipo*, a obra mais familiar aos não-especialistas e, por causa do seu tratamento caricatural da psicanálise “institucionalizada” lá, muitos leitores que valorizam Freud e levam a psicanálise a sério como uma estratégia interpretativa não leem nada mais da obra de Deleuze. Enquanto uma pós-moderna convicta, pré-millennial<sup>3</sup>, freudiana anti-anti-edipianizante, pretendo convocar os meus colegas freudianos, não especialistas no trabalho de Deleuze, a lerem mais de sua notável obra. Para esse fim, eu irei me defrontar aqui com algumas das caracterizações tendenciosas (talvez deliberadamente arranjadas) de Freud/Édipo em *O anti-Édipo*, utilizando o aparato teórico dos próprios Deleuze e Guattari para tecer objeções contra algumas de suas posições mais flagrantes. Também respondo de modo simpático, em nome do debate espirituoso e da diversão, contra o tom irreverente e paródico anti-edipianizante (como quando eles repetidamente se referem à complicada configuração edipiana como “papai-mamãe-eu”) para refutar algumas de suas críticas conscientemente provocativas da teoria freudiana.

Deixe-me ser clara: eu não vou falar como uma apologeta da versão mais reducionista de Édipo – a única que Deleuze e Guattari atacam – como um “complexo”

\* Professora de francês, literatura comparada e de estudos feministas da Escola de Artes e Ciências na Universidade de Rutgers.

Traduzido por: Flávia Cristina Silveira Lemos\*\*. Lauro Iane de Moraes\*\*\*. William de Siqueira Piauí\*\*\*\*.

\*\* Possui graduação em Psicologia/UNESP (1999), graduada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, mestre em Psicologia e Sociedade/UNESP (2003) e doutora em História Cultural/UNESP (2007). Realizou pós-doutorado em Psicologia, na UFF, sob supervisão da Profa. Dra. Maria Livia Nascimento, em 2016. Foi bolsista FAPESP no Doutorado. É professora associada IV na Universidade Federal do Pará (UFPA), atua na Graduação e na Programa de Pós-graduação em Psicologia/UFPA. E-mail: [flaviacslemos@gmail.com](mailto:flaviacslemos@gmail.com). \*\*\* Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo e atualmente professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [piauiusp@gmail.com](mailto:piauiusp@gmail.com). \*\*\*\* Licenciado em filosofia, mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS); foi professor na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e atualmente é professor na SEDUC-AL. E-mail: [laumorais@msn.com](mailto:laumorais@msn.com).

por meio da qual todos os problemas são traduzidos por um desejo dirigido à Mãe e uma revolta contra o Papai. Mas, se *O anti-Édipo* deve ser levado a sério (*au pied de la lettre* [ao pé da letra], palavra por palavra, e não como uma piada), essa leitura equivocada quase obsessiva de Édipo, patentemente limitada e mesquinha, pode até mesmo ser desonesta, pois certamente esses pioneiros brilhantes viram muito mais em Freud do que uma invocação de “papai-mamãe-eu”. Ou Deleuze e Guattari, talvez como o seu inimigo Édipo, pagam o preço de um luminoso *insight* com certa dose de cegueira?

Eu pretendo levantar outra possibilidade: lendo o impressionante segundo volume de *Capitalismo e esquizofrenia*, o *Mil Platôs*, que tem uma dívida profunda e explícita à versão mais radical e interessante de Freud, pode-se perguntar se o primeiro volume sofre de miopia ou de malícia, como parece ser o caso, ou serve como uma estratégia preliminar de organização, um esquema. Deleuze e Guattari podem ter desenhado um itinerário para o Grande Outro como um marcador de lugar-vazio – elaborando Édipo subdeterminado como um Homem Vazio –, colocando efetivamente o Homem de Lata vazio como o Espantalho, um tipo de Leão Covarde/Tigre de papel que apenas revela do que ele é feito ao se passar por uma tortuosa jornada na *Oz millennial* da organização, o “espaço esburacado” de *Mil Platôs*<sup>4</sup>.

De qualquer modo, se Deleuze e Guattari devem ser levados a sério em sua redução de Édipo à trinitária “sagrada família”, eles não pegam leve ao enfrentar seus adversários em *O anti-Édipo*, e pelo menos parte dessa beligerância persiste em *Mil Platôs*: “Na verdade, Freud nada vê e nada compreende. Ele não tem qualquer ideia do que seja um agenciamento libidinal com todas as maquinarias postas em jogo, todos os amores múltiplos”. Por exemplo, os anti-edipianizantes acusam Freud de ter uma visão limitada no caso do “O homem e os lobos?”, onde “Freud nem escuta, olha seu cão e responde ‘é papai’”<sup>5</sup> Assim como Édipo; nada vê e nada compreende, enquanto encena tudo saber. Não distingue seu próprio pai de um lobo ou um pedinte numa encruzilhada. Mata-o com seu cajado e ainda sai na pior.

Há tanta força neste ataque frontal à psicanálise que ela cheira à clássica negação freudiana, a *Verneinung*<sup>6</sup>, na qual o paciente protesta excessivamente. De fato, acredito que a virulência dessa recusa [*disavowal*] indica que Deleuze e Guattari são mais edipianizantes do que eles assumem e que isso pode ser sustentado com a ajuda da máquina teórica deles próprios<sup>7</sup>. O próprio título do volume I de *Capitalismo e esquizofrenia* parece indicar o caso. Em termos da sintaxe que os próprios Deleuze e Guattari formulam, sua diatribe “anti”-edipiana se qualificaria como uma “disjunção exclusiva”: um antagonismo binário, opositivo, um “ou então” do tipo que desenha uma linha de separação no chão. Como eles afirmam em *O anti-Édipo*, duas posições, e somente duas posições, figuram em seus esquemas teóricos: “há tão somente resistências, e depois máquinas, máquinas desejanças”. Neste sistema, Édipo é claramente uma resistência, um limite, um condicionante imposto às infinitas combinações produzidas pelo desejo. E em *O anti-Édipo*, pelo menos, o vilão não é somente culpado de resistência ao fluxo livre do desejo combinatório, pois, enquanto cúmplice da psicanálise, ele parece ser culpado de tudo, desde os crimes do capitalismo à promoção da psicose global, incluindo a perversão. De fato, ao se referir ao “caráter intrinsecamente perverso da psicanálise”, os anti-edipianizantes afirmam que “a perversão em geral é a reterritorialização artificial dos fluxos de desejo.”<sup>8</sup> Como um

batalhão da moral, os anti-perversos parecem determinados a colocar o registro a limpo, tal como ele deve ser. Com toda a sutileza de um míssil guiado por calor, eles almejam explodir o mito de Édipo e, por meio disso, como eles próprios dizem, “Descobrir sob o assentamento familiar a natureza dos investimentos sociais do inconsciente [...] para encontrar as figuras abstratas, os fluxos-esquizas que ele recepta, ocultando-os.”<sup>9</sup>

Essa crítica virulenta é ainda mais inquietante porque ela é cativante; *Capitalismo e esquizofrenia* dá forma a uma certa geologia da moral surpreendentemente original, um Selvagem Novo Mundo da teoria *millennial*, completa com nômades, rizomas, emblemas totêmicos, cabeças sem rosto e rochas vivas. Mas, ao se atualizar a teoria para a Nova Era, deve a psicanálise ser ejetada como um dos estágios gastos de um foguete? Será mesmo que Freud vem com prazo de validade, por volta dos anos 2000? Enquanto uma *bimillennial* pró-edipiana, sugiro que é chegada a hora de equipar Édipo para o terceiro milênio, trocando sua toga por um traje espacial, conectando-o como um Internauta de última geração – um “dispositivo rastreador”<sup>10</sup> no sentido deleuziano do termo – de modo que ele possa efetuar uma “linha de fuga desterritorializante” pelos estratos, pelos mil platôs, propelindo-nos na Nova Era. Na virada do milênio<sup>11</sup>, talvez seja a hora de colocar Édipo *online* mais uma vez, como um emblema proto-cibórgico da própria máquina-desejante à qual ele é oposto por seus críticos.

Deixe-me reunir os *insights* radicais dos próprios apóstatas de Freud para, então, embasar a seguinte crítica da posição deles. Primeiro, o ponto crucial do paradigma freudiano edipiano não é o “romance familiar” patriarcal de “papai-mamãe-eu”, como sugerido em *O anti-Édipo*, mas sim a configuração das conexões, disrupções e refrações do desejo que constituem o organismo humano e produzem a interação social. Édipo é uma máquina-desejante, não um ídolo da matinê grega. Segundo, o “CsO” (“corpo sem órgãos”) colocado em primeiro plano em *O anti-Édipo* – um sistema de campos de força em interação (como um mapa meteorológico) ao invés de um campo de sujeitos discretos [*discrete subjects*]<sup>12</sup> ou objetos parciais em conflito – já está implícito nos primeiros trabalhos de Freud, como em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), na perversidade polimorfa da criança sempre já sexualizada. Terceiro, ao imputar as falhas espetaculares da sociedade do capitalismo tardio à neurose “Edipiana” e à repressão, Deleuze e Guattari confundem o sintoma com sua causa. Ao recapitular apenas um *insight* fundamental de *A civilização e os Seus Descontentamentos* (1930), eles perderam o ponto crucial, ou seja, que as conexões e desconexões dos circuitos desejantes são socialmente produzidos – no sentido que eles próprios atribuem à palavra – independentemente de se esses circuitos são éticos, politicamente progressistas ou pessoalmente libertadores. “Édipo”, mesmo que mal construído, não engendra a repressão capitalista; ele a encena. Quarto, mesmo quando atacam a noção freudiana da repressão edipiana, Deleuze e Guattari adotam indiscriminadamente a hipótese da repressão (a mesma noção brilhantemente desmistificada nos escritos de Foucault sobre a sexualidade<sup>13</sup>); eles, então, interpretam erroneamente a descoberta de Freud não só mais radical, mas mais profundamente social e histórica: a sexualidade é uma produção discursiva da psique humana e de suas coordenadas somáticas, isto é, da máquina desejante instalada em um invólucro composto de campos de energia reais e de moléculas (um corpo). É possível pensar a libido como um tipo de propulsão e como dizem Deleuze e Guattari, ela é o combustível da máquina desejante, descrita não como um “fluxo” livre, mas como uma série de funções intermitentes, de rangidos e

desarranjos: “Tudo funciona ao mesmo tempo nas máquinas desejanças, mas nos hiatos e rupturas, nas avarias e falhas, nas intermitências e curtos-circuitos, nas distâncias e fragmentações.” Dito de outro modo, a coisa essencial não é o funcionamento suave da máquina, mas sim sua produção que deixa algum resíduo: “Extrair, desligar, ‘restar’, tudo isto é produzir, é efetuar as operações reais do desejo.”<sup>14</sup> Assim, o inconsciente não pensa ou acredita, ele certamente não é contínuo ou linear; em vez disso, ele produz – malhas, rizomas, um labirinto. Essa é uma formulação notável, mas isso não é inconsistente com o agenciamento edipiano.

Muitas dessas noções são esboçadas pelo impressionante *Diferença e repetição* de Deleuze, no qual a diferença se mostra como um descentramento que habita toda repetição, confundindo a própria noção de identidade<sup>15</sup>. Neste tratado profundamente psicanalítico em figura e fundo<sup>16</sup>, ele conclui que Édipo é indecível e argumenta a favor da natureza ilusória de qualquer modelo original. O que a crítica da identidade em *Diferença e repetição* demonstra é que mesmo naquele estágio anterior, assumidamente freudiano, Deleuze começou a colocar Édipo no lado da identidade, êxtase e sedimentação<sup>17</sup>. Para Édipo em 1968 – quando linhas divisórias estavam sendo delineadas na França –, Édipo já tem seu lugar no *socius* e não há dúvida de qual lado do “ou então”, que separa repressão do desejo, ele está.

Mas esse Édipo só pode ser recebido com espanto por qualquer um com conhecimento ainda que vago, seja de Freud ou Lacan (de quem a teoria toda está baseada sobre a troca de lugares), seja de Sófocles. Nem mesmo na tragédia grega Édipo é um agente da lei e da presença de si unitária. Afinal de contas, ele é o homem que nunca sabe quem ele é ou onde ele está, não sabe diferenciar seu pai de um sem-teto e realmente se casa com sua mãe por engano mesmo após o Oráculo tê-lo alertado do perigo. Ele nem mesmo sabe de que não há um lugar que se assemelhe a um lar. A narrativa de Édipo é de fato uma máquina – *la machine infernale* da versão de Jean Cocteau<sup>18</sup>, cujos personagens têm significância somente quando “conectados” nas histórias e desejos uns dos outros. Mãe/esposa é significante apenas como uma conjunção e uma disjunção. Realmente, Jocasta é um campo de força, um atrator estranho, atraindo seu filho/marido – *fort* e *da*<sup>19</sup> – em um circuito errático e errante. Para Édipo, a vida começa como um exílio e se encerra assim também. A história figura/fundo é realmente uma parábola de “primeira mão” da repetição: Édipo perde sua virgindade no mesmo lugar em que foi concebido, mostrando que a repetição, como o próprio Deleuze argumenta, é uma função de deslocamento e disfarce. Mas em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari parecem ter recusado seus próprios *insights* interessantes sobre o deslocamento e regressaram a um modo de ataque simplista “ou então”, exemplificando suas próprias categorias de “disjunção exclusiva”.

Suponhamos que estejamos agindo como que em defesa de Freud e/ou seu portavoza, que estejamos confundidos de tal modo que estou tentada a me referir ao meu “réu” como Fréudipo. Quais são exatamente as acusações levantadas pelos anti-edipianizantes? Você pode nomeá-las, Deleuze já o fez.

- Ele é um comerciante inescrupuloso, um obscuro operador de informações privilegiadas, pois “não é a psicanálise que inventa Édipo”<sup>20</sup>; ela o comercializa.
- Ele é um lacaniano, preso na santíssima Trindade da “falta, da lei e do significante.”<sup>21</sup>
- Ele é cruel com os animais (especialmente aqueles com cabeças falantes, de grandes patas e com predileção por enigmas); Deleuze e Guattari uivam (em *Mil*

platôs) que Édipo mata nossa selvageria, nosso “devir-animal”.

– Ele é um estraga-prazer despótico, o agente da hegemonia ideológica, poderoso demais para ser tolerado; é em seu ponto mais forte que ele deve ser atacado, pois “nossa sociedade [é] o ponto forte do Édipo” – ele está “em todo lugar”<sup>22</sup>. Em outras palavras, ele significa o bloqueio do fluxo livre, descodificado de intensidades e energias, o que é um crime imperdoável. (Quando se trata da busca por sensações esquizoides, junte-se à orgia [anti-edipianizante] ou seja rotulado de perverso).

– Ele é um imprestável, um fanfarrão: “Édipo não serve estritamente para nada”, como Deleuze e Guattari afirmam categoricamente, “a não ser para atar o inconsciente dos dois lados.”<sup>23</sup> (*Tirédipo Rex?*).

– Ele é um capitalista, e uma semiótica a ser dispensada, pois os crimes do significante incluem fetichismo de *commodity*: “Por exemplo, no código capitalista e sua fórmula trinitária, o dinheiro como cadeia destacável é convertido em capital como objeto destacado [...] E o código edipiano faz o mesmo: a libido como energia de extração e desligamento é convertida no falo como objeto destacado.”<sup>24</sup> Dito de outro modo, edipianização converte todos os rompimentos de fluxos e discontinuidades na mesma moeda maior, aplainando a diferença.

Mas na próxima seção, Édipo é acusado do crime oposto – não da desterritorialização dos fluxos de energia, mas da reterritorialização do desejo – em nome dos Valores Familiares. Agora ele é um positivista linear; deixemos o significante flutuar ao sabor do vento, pois há muito sentido tendencioso em Édipo, um conspirador com a máfia internacional de hermeneutas e terapeutas: psicanalistas estão propensos a produzir o homem abstratamente, isto é, ideologicamente, para a cultura: “Como impedir que a unidade escolhida, mesmo que seja uma instituição específica, não constitua uma perversa sociedade de tolerância, um grupo de ajuda mútua que oculte os verdadeiros problemas? [...] Mas como a estrutura romperá sua relação com a castração neurotizante, perversizante, psicotizante?” Fréudipo é um imperialista cultural: somos todos pequenas colônias e “Édipo é sempre a colonização”. Ele nos torna loucos (não no sentido bom, esquizofrenicamente loucos, mas somente birutas): “Tudo está demente no sistema: é que a máquina capitalista se nutre de fluxos descodificados e desterritorializados; [...] fazendo-os passar para um aparelho axiomático que os conjuga e que, nos pontos de conjugações, produz pseudocódigos e reterritorializações artificiais.”<sup>25</sup> Édipo está aí de novo.

Então seria Édipo a causa ou o efeito? Ele sobressignifica/sobrecodifica ou é seu sentido superestimado? Édipo se torna colonizado pelo capitalismo, o produto da religião ou da nação, ou ele é o agente colonizador? Édipo é culpado de tudo pelo neo-Oráculo Deleuziano/Guattariano. Aqui, destilado de *O anti-Édipo*, estão as Top 10 Razões Esquizoanalíticas para Odiar Fréudipo, como o laçao da falta:

1. Édipo é o agente repressivo do aparato do estado capitalista.
2. Édipo reterritorializa fluxos descodificados e reprime o pobre esquizo, que preferiria a “doença mental” à loucura.
3. Ele funciona no nível errado. Como Gulliver e os liliputianos, ele é grande demais para ser molecular; Édipo é molar e totalitário/paranoide, não rizomático e esquizoide.
4. Sua linguagem é sobrecodificada e saussuriana, não descodificada e hjelmsleviana.<sup>26</sup>
5. Édipo ostenta seus trapos sujos em público. Sua história familiar, no ar em toda

parte, se torna tão difusa que nada mais significa. Dito de outro modo, edipianizantes são solipsistas, confundindo suas lamúrias familiares privadas e patéticas com a condição humana. Édipo é definitivamente um filho ruim.

6. Por outro lado, ele é um nepotista. Sua história familiar, no ar em toda parte, é tão concreta e figurativa que significa tudo. Edipianizantes são gregários demais, projetando seu patético romance familiar em todos os constructos sociais. Édipo de fato tem uma árvore genealógica familiar e os “anti” odeiam a arborescência. Tampouco ele é muito rizomático em suas considerações – um homem de poucas raízes – e das poucas conexões familiares que ele de fato tem, ele definitivamente abusa.

7. Édipo é um estruturalista, até mesmo um laciano, uma personalidade real de tipo padrão, guiado pela lei. (os anti-freudianos raramente são generosos com Lacan; mesmo quando eles reconhecem mesquinamente que Lacan salvou “a psicanálise da edipianização furiosa”<sup>27</sup>, eles reclamam a respeito do reducionismo de um sistema que classifica tudo como Imaginário ou Simbólico. Não surpreendentemente, eles ignoram o terceiro e mais profundamente problemático registro no esquema de Lacan: o Real.

8. Édipo torna a dívida infinita e estamos na era do orçamento balanceado.

9. Quando ele supera seu complexo, Édipo comanda a linguagem, mas então ele é menos rei que um “sujeito/súdito”, isto é, assujeitado. Não obstante, ele se refere a si mesmo no singular, como “Eu”, evitando o “Nós” régio, que é o privilégio de monarcas e esquizofrênicos.

10. Ele é um sonhador, incapaz de cair na real e tomar jeito na vida. O erro da psicanálise é compreender o corpo sem órgãos como regressão, projeção, fantasias, imago. (Pessoalmente, eu acredito que a psicanálise deve ser felicitada por ter compreendido o CsO em primeiro lugar).

Resumindo o caso deles: Deleuze e Guattari culpam Freud acima de tudo por falar sobre castração – sobre o que está faltando ou sobre o que pode ser perdido se Édipo não se comportar. A falta não pode ser uma categoria do inconsciente, eles argumentam, porque “Nada falta ao desejo”<sup>28</sup>, ele produz.

E eles acertam em uma coisa. Não há “não” algum no inconsciente, como Freud nos diz, há apenas plenitude. Ou... ou... ou. Em outras palavras, apesar de seus oponentes não admitirem, eles seguem Freud ao afirmarem que o inconsciente é caracterizado pela motilidade do investimento<sup>29</sup> e a ausência de contradição: ele não é lugar do “ou então” – a lógica binária da exclusão –, mas, ao contrário, funciona com o que Deleuze e Guattari chamam de *disjunções inclusivas*<sup>30</sup>, onde termos inconsistentes podem coexistir graças ao extra “ou” que ao fazer um triângulo (que Deus o livre), o torna, não obstante, um paradoxo, um emblema tanto da conexão quanto da alteridade:

Parece-nos, no entanto, que a esquizofrenia nos dá uma singular lição extraedipiana, e nos revela uma desconhecida força da síntese disjuntiva, um uso imanente que não seria mais exclusivo nem limitativo, mas plenamente afirmativo, ilimitativo, inclusivo. Uma disjunção que permanece disjuntiva, e que afirma, todavia, os termos disjuntos, que os afirma através de toda a sua distância, sem limitar um pelo outro nem excluir um do outro, talvez seja o maior paradoxo. “Ou... ou” em vez de “então.”<sup>31</sup>

*Disjunção inclusiva*: acredito que este é um modelo sintático mais produtivo para

ler Édipo que a posição “anti” estratificada, o “ou então”, no qual o próprio Édipo é considerado um estrato, uma cristalização da fluidez do desejo humano. Mas Deleuze e Guattari estão certos: ao inconsciente nada falta. Não há “não” algum no inconsciente, nenhum ou (mãe) ou então (esposa), como Édipo aprende de modo difícil.

O que o réu confessa? *Culpa*, é claro. Fréudipo inventou a consciência culpada. Qual é a sentença? Os queixosos têm uma sugestão: “uma verdadeira política da psiquiatria [...] consistiria em [...] desfazer todas as reterritorializações que transformam a loucura em doença mental.”<sup>32</sup> Reabilitar o culpado significa convencê-lo de que os esquizofrênicos não são loucos e ensiná-lo que a produção desejante é uma só e mesma coisa que a produção social. O problema é que Freud poderia concordar plenamente com isso. Faz toda diferença o como você lê Freud – e qual Freud. Deleuze e Guattari, eles próprios convenientemente esquematizam duas visões teóricas alternativas, por meio das quais o mesmo território (o mar, por exemplo) pode ser experienciado como liso ou estriado. Liso é fluído, molecular, desestratificado; estriado é territorializado. Bem, Édipo é ao mesmo tempo liso e estriado, algo como o espaço esburacado de Deleuze e Guattari. O sujeito não é nada além de um lugar-vazio, ocupando um lugar que todo nômade ocupa, por sua vez, apenas de passagem<sup>33</sup>. O *ménage*/triofamiliar é apenas um dos agenciamentos de desejo/máquinas configuradas pelo diagrama Edipiano/Freudiano, globalmente construído. De fato, a teoria Freudiana, tal como particularmente lida por Lacan, Laplanche, Pontalis e companhia, descreve uma trajetória – *como* o inconsciente funciona, não *qual* é seu conteúdo. Para usar o jargão *high-tech* de *Mil platôs*, a parábola edipiana poderia ser considerada como a descrição de um processo auto-organizacional em um momento de bifurcação quando o sujeito “cristaliza” em resposta a ambos os catalisadores e seus “atratores”. Dito de outro modo, Deleuze e Guattari confundem mensagem e caminho; Édipo é um diagrama ou um *phylum* maquinico, sem um manual de autoajuda.

De qualquer modo, Deleuze e Guattari não parecem ser muito justos ao oferecerem uma acusação que coloca Édipo em um risco de uma condenação tripla. Eles parecem declará-lo culpado *ou*, por um lado, porque ele é muito influente e relevante *ou*, por outro lado, porque ele não tem sentido e é irrelevante *ou*, ainda por outro lado, porque o sentido não importa, somente a função é importante. “A disjunção inclusiva” pode se tornar útil no tribunal. Mas seria difícil [defender Édipo] acusando os antagonistas de Freud de uma falta de lógica autorrefutável, já que eles afirmam repetidamente ser a disjunção inclusiva como seu modo de cognição preferido – rotulada de *esquizoide*, refletindo a fluidez do “ou... ou... ou”, libertando a psique dos constrangimentos da gramática predominantemente lógica.

O paradoxo da disjunção inclusiva é de fato instrutiva e produtiva, no entanto, seria ela esquizoide e não-freudiana/edipiana, como Deleuze e Guattari gostariam que fosse? Afinal de contas, Freud explica a “lógica” do inconsciente em termos surpreendentemente semelhantes, dizendo que uma de suas características é a habilidade de manter duas ou mais noções logicamente exclusivas ao mesmo tempo sem qualquer senso de contradição. De fato, essa lógica é a pedra de toque de uma obra sobre o desejo maquinico, automático no qual Freud fundamenta a triangulação [edipiana] e o [campo] social – *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Este é um paradigma muito melhor para a maquinaria social do que a parábola sofocleana, apesar de eles descreverem a mesma trajetória. Aqui, Freud conta uma de suas anedotas judaicas favoritas,

apresentando a famosa “lógica do caldeirão emprestado”, a epítome do não-senso lógico:

A. tomou emprestado a B. um caldeirão de cobre e, após a devolução, foi acusado por B. de ter feito um grande buraco no caldeirão, assim inutilizando-o. Eis como ele se defendeu: ‘Primeiramente, não tomei caldeirão nenhum emprestado de B.; em segundo lugar, o caldeirão já tinha um buraco quando o peguei com B.; em terceiro lugar, devolvi o caldeirão inteiro.’” Cada uma dessas afirmações singulares faz sentido em si mesma, mas, tomadas em conjunto, excluem-se umas às outras. A. trata isoladamente o que deveria ser tomado em conjunto, do mesmo modo como o casamenteiro fazia com os defeitos da noiva. Também se poderia dizer que A. coloca um “e” no lugar onde somente caberia um “ou-ou”.<sup>34</sup>

Quem diria hein?! – da boca do inimigo edipiano, ele próprio, vem um exemplo perfeito do raciocínio supostamente esquizoide, anti-edipiano: disjunção inclusiva. Deleuze e Guattari, como aquele que pegou o caldeirão emprestado, brincam com uma lógica lisa e forjam um argumento esburacado<sup>35</sup>, então alegam serem donos do que eles tomaram emprestado de Freud. Os anti-edipianizantes, superestimando o caso deles – Édipo nos entregou um ótimo caldeirão de peixe –, traem a radicalidade da descoberta de Freud, então protestam excessivamente com raciocínio furado e abusado – lógica de caldeirão. Ainda assim, ignorarei minha própria objeção, já que quero participar da diversão e utilizar precisamente a mesma defesa e disjunção inclusiva para Freud/Édipo. Para os queixosos, eu respondo: (1) vocês nunca emprestaram a nós, leais seguidores, o verdadeiro caldeirão freudiano da psicanálise; (2) quando vocês nos emprestaram o caldeirão edipiano (em suas versões), ele já estava completamente esburacado; e (3) aqui, estamos devolvendo o caldeirão intacto (o que nos foi entregue por Lacan) novo e lindo, um exemplo daquilo que vocês chamam de espaço liso, não-estriado. Ou, ainda melhor, o espaço esburacado, forjado por metalúrgicos itinerantes, aqueles ferreiros e funileiros honrados em *Mil platôs*<sup>36</sup>. O Édipo *millennial* desprovido de rosto é um espaçonauta nômade, forjando e dando forma a uma nova imagem: um Homem de Lata *high-tech*, um ciborgue metálico, um caldeirão Edipiano<sup>37</sup>.

Permitam-me desenvolver brevemente sobre essas disjunções inclusivas<sup>38</sup>. Os queixosos jamais emprestaram aos meus clientes a teoria que eles dizem ter sido violentada, já que eles nunca a tiveram: o romance familiar e o império da lei não são a essência radical de Freud tal como relida por Lacan, como o próprio Deleuze reconhece (em *Diferença e repetição*, onde Édipo é absolvido em razão de uma dúvida razoável, pois ele é julgado indecidível). Assim, o desejo é de fato um problema mecânico, um agenciamento de um nó atado em outro, tal como em Deleuze e Guattari: por exemplo, pense na criança em fase de amamentação, protagonista do seminal *Três ensaios* de Freud, inserida no fluxo da mãe e conectada (ou apoiada em, no *Anlehnung*<sup>39</sup>) no campo de intensidades delas. A mãe tratada nos *Três ensaios* não é de modo algum a alegada Mãe Edipiana, ou mesmo a Madonna pré-edipiana; ela é um agente de produção, uma fábrica de leite revestida de desejo alucinatório. Não obstante, a formulação de máquina desejante *versus* bloqueio ou estratificação edipiana não consegue explicar as complexidades desta noção freudiana de *Anlehnung*, ou de perversidade polimorfa (também central nos *Três ensaios*)<sup>40</sup>. Porém, esse é um excelente exemplo de um corpo infantil sendo um corpo sem órgãos, ou ainda, do corpo infantil como sendo nada além

que órgãos, uma grande zona erógena compreendendo uma multiplicidade de intensidades e fluxos.

Sim, é verdade que o processo de socialização “organiza” esse campo puro na sexualidade genital, mas o ponto dos *Três ensaios* é que “a perversão” – e não “a normalidade” – é primária e endêmica à espécie humana. Além do mais, a sexualidade é mimética e contagiosa, sempre ligada em uma multiplicidade de mentes/corpos desejantes. Como Lacan afirma, nosso desejo é o desejo do Outro. Nesta formulação (expressa por Lacan como o excesso da demanda sobre a necessidade), todo desejo, mesmo o clássico desejo por Mamãe, é refratado, alienado e circulatório – um boomerang ou um míssil com sistema de navegação. Ainda assim, a despeito dessa evidência esmagadora de que a psicanálise é mais do que “papai-mamãe-eu”, Deleuze e Guattari persistem na acusação de que Freud teria abandonado o desejo, o que constitui um crime ainda maior: “A chantagem freudiana consiste no seguinte: ou vocês reconhecem o caráter edípiano da sexualidade infantil, ou então vocês abandonam toda posição de sexualidade.”<sup>41</sup> Essa acusação extra de chantagem não é apenas exagerada, mas incompreensível, pois os *Três ensaios* focam exatamente nos avatares não-edípianos do desejo, ou “perversões”. O ponto radical de Freud é que o desejo é automaticamente perverso, desviado de seu objeto (o peito) para um substituto, o que Lacan posteriormente formularia como um excesso (da demanda sobre a necessidade): todo bebê chora mesmo quando todas suas necessidades são atendidas. Essa é uma perversão polimorfa, mas a perversão, tal como Freud a lê, é acima de tudo adiamento e desvio do objeto, uma das principais expressões dos fluxos desterritorializados e desestratificados que Deleuze e Guattari invocam. Eles chamam a psicanálise de a ideologia da falta, mas ela é de fato um mapeamento do excesso, da perversão como a própria condição da sexualidade. Na verdade, citando a perversão como o oposto da neurose, Freud afirma que devemos imaginar o perverso como um homem feliz. Então Deleuze e Guattari certamente nunca nos prestaram um verdadeiro caldeirão freudiano, mas tentaram nos entregar o falso (a figura papai-mamãe-eu) como se fosse o verdadeiro.

Segunda defesa: o caldeirão edípiano estava cheio de buracos quando vocês nos deram. É difícil acreditar que Deleuze, um letrado em psicanálise, não esteja sendo desonesto quando acusa Édipo de não ser um animal político, de ser insuficientemente engajado no campo social. Os queixosos se presumem acabar com a “tese muito apreciada por Freud: a libido só investe o campo social enquanto tal ao dessexualizar-se e sublimar-se.”<sup>42</sup> Seria *isso* o que Freud de fato diz? Diga isso à Escola de Frankfurt, que discute o apelo erótico do fascismo; ou ao Freud que analisa a dinâmica de rebanho do exército e da igreja como um tipo de fascínio em *Psicologia das massas e a análise do eu* (1921); ou a Frederic Jameson, quando ele teoriza o inconsciente político como uma espécie de investimento<sup>43</sup>. E o que falar sobre os cenários libidinais de identificação com um líder carismático em *Psicologia das massas* ou ao canibalismo social apaixonado em *Totem e tabu* (1912), onde as crianças se identificam tão fortemente com o Pai a ponto de comê-lo? E o que falar então sobre o assassinato orgíaco de Moisés cometido pelas suas “crianças”, sob a influência do desejo pagão, esquizas e fluxos, o bezerro de ouro?

<sup>44</sup> A menos que se restrinja a sexualidade ao contato genital, deve-se ser cego para ver na teoria freudiana um campo social desapaixonado, não-libidinal. Não obstante, a disjunção exclusiva de tipo “ou então” dos anti-edípiantizantes simplesmente negligencia a radicalidade dos *insights* freudianos mais intrigantes, tais como a pulsão de morte<sup>45</sup>, a

constituição narcísica do eu<sup>46</sup> ou a divisão do eu em *Luto e melancolia* (1917)<sup>47</sup>, e a economia não-linear do masoquismo<sup>48</sup>. Nem de longe há pais. A crítica deleuziana de Édipo é aplicável apenas à ortodoxia freudiana mais rigidamente construída, enquanto o Freud francês tem batido de frente com a APA por algum tempo<sup>49</sup>, mostrando que os processos de “organização” e “domínio” são guiados tanto por impulsos tanatóticos ou sadomasoquistas quanto por qualquer noção punitiva da lei ou qualquer noção normativa de cura. Os *Três ensaios* de Freud relançam sexo como sexualidade, ou seja, como um efeito irreversivelmente social, não como um “instinto”. O processo de subjetivação é uma produção social, como Deleuze e Guattari afirmam, mas que é guiado por amplificação, e não repressão do desejo. O caldeirão deleuziano já é um recipiente completamente furado quando ele nos é dado em *O anti-Édipo*.

Terceira defesa: o caldeirão não tinha furos quando você o recebeu de volta; ou talvez este seja um debate falso – podemos resolvê-lo fora do tribunal? Acredito que podemos concordar com Deleuze e Guattari que a psicanálise não deveria estar no negócio de descobrir tal-e-tal código, e até mesmo que a psicanálise deve desfazer os códigos de modo a apreender os fluxos libidinais quantitativos e qualitativos que atravessam os sonhos, as fantasias e as formações patológicas. Dito de outro modo: tá bom, alguma parte da teoria freudiana é profética e dogmática. Desfazer o dogma é um bom programa, um bom itinerário tal como Jameson o faz em *O inconsciente político*, ou ainda os freudianos franceses como Lyotard e Laplanche, além de feministas francesas como Irigaray e Montrelay, em suas próprias críticas freudianas a Freud. Sugiro que tomemos Édipo como nossa bússola, pois no centro do paradigma edipiano há o desejo puro, investindo-se, desconectando. Na medida em que damos o caldeirão elétrico ligada de volta aos nossos oponentes, dizemos: o caldeirédipo está novinho, percebe? Um certo Édipo realmente se encaixa na própria teoria deleuzo-guattariana do espaço liso, nomádico – ou ainda, porque ele é vazio, ele é um exemplo de espaço esburacado. Deleuze e Guattari estão certos em perguntar quanto ao inconsciente não “o que isso quer dizer?”, mas “como isso funciona?”<sup>50</sup>, eles apenas precisam fazer a mesma pergunta ao diagrama maquinico edipiano.

\*

Deixe-me colocar outra questão agora, relançando “a mamãe do papai e eu” como uma “máquina desejante e multiplicidade”: o romance familiar se qualifica como um caso, um estrato, de uma disjunção inclusiva, um mecanismo maior lançado através de “linhas de fuga” – a máquina abstrata como um significante deslizante ou sentido sobredeterminado que não se deterá em um determinado ponto, mas continuará sempre a produzir um resto? A configuração edipiana não é apenas uma árvore familiar, mas também um rizoma, um tubérculo tentacular enviando brotos e cruzamentos (Édipo Polvo), já que Deleuze e Guattari finalmente afirmam a questão fundamental que “O inconsciente não levanta problema algum de sentido, mas unicamente problemas de uso.”<sup>51</sup> Entretanto, esse *insight* é também retirado, ou até mesmo “suspendido de” Freud, do mesmo modo que a lógica do caldeirão que Deleuze e Guattari empregam.

De qualquer modo, poderíamos considerar os *Chistes* de Freud como um cenário alternativo ao Edípiano, onde Freud está elaborando uma concepção funcionalista de intersubjetividade como uma “máquina abstrata”. O que essa leitura sugere é que Deleuze e Guattari compreendem de trás para frente: em vez de projetar Édipo em tudo, um Freud radical delinea Édipo como uma parábola ou mesmo como um esquema maquinico, apenas um caso de uma narrativa mais inclusiva ou uma operação no estrato “antropomórfico”. A obra de Freud nos conta a história da origem do próprio ato de se contar piada, e não surpreendentemente, ele é um conto de triangulação, uma clássica narrativa menino-encontra-menina.<sup>52</sup>

MENINO ENCONTRA MENINA. “Aquele que faz a piada” encontra um “objeto” desejável, tem ideias e as faz conhecidas por meio da “conversa cortejadora”. O GAROTO PERDE A MENINA. Mas a intenção do cortejador é sobreposta pela entrada de um segundo homem – um potencial rival e um terceiro definitivamente inoportuno. Infelizmente, a rivalidade implícita entre os “garotos” interrompe o curso natural dos acontecimentos. A PIADA CONQUISTA A TODOS. Mas eis que o garoto de fato conquista a garota, ao “expô-la na piada obscena” e goza do espetáculo de seu constrangimento, efetuando uma exposição ou humilhação imaginária que é claramente tanto voyeurística quanto exibicionista: a desafortunada mulher está agora exposta ante um ouvinte que foi “subornado pela satisfação fácil de sua própria libido.” O que conta a piada e seu ouvinte, os polos um e três (garotos serão sempre garotos) compartilham uma risada no vestiário dos prazeres da cumplicidade masculina ao custo do polo dois.<sup>53</sup> Mas o ouvinte risonho não escapa incólume. Freud aponta a natureza agressiva dessa captura da atenção do ouvinte (atingido por um desfecho cômico surpresa) e ele insiste no prazer que o contador da piada extrai ao enganar seu ouvinte. Esse engodo tranquiliza sua irritação ao “resolver contar a piada ele próprio posteriormente” (à próxima vítima na cadeia de piadas)<sup>54</sup>. Assim, o triângulo de piadas é sempre um quadrilátero para seleção/organização, uma cadeia social na qual a captura imaginária tanto do objeto da piada (o polo dois) quanto do seu ouvinte (o polo três) é perpetuado por uma constante troca no elenco dos jogadores. O prazer de contar a piada se torna de tão duplo sentido quanto o é seu desfecho cômico, pois a piada é um circuito no qual a identidade de nenhum dos envolvidos permanece incólume à exposição do desejo do Outro.

Difícilmente poderíamos pedir um exemplo mais claro de máquinas-desejantes em funcionamento (“Extrair, desligar, ‘restar’, tudo isto é produzir, é efetuar as operações reais do desejo”). Como a máquina desejante, a produção de piadas funciona, sujeita a rangidos e desarranjos: “[sempre se estabelece uma conexão com outra máquina, numa transversal em que] a primeira corta o fluxo da outra ou ‘vê’ seu fluxo ser cortado pela outra”<sup>55</sup>, assim como o cortejador é interrompido pela entrada do rival.

Apesar desse “diagrama” parecer ser mais centrado no conteúdo, ele é na verdade funcionalista, mostrando não qual o significado de fazer uma piada, mas como ela funciona. Ele deveria nos lembrar de outra história sombria de amor, agressividade e renúncia. No mito edípiano clássico, de fato o garoto realmente conquista a garota por simplesmente eliminar o rival paterno. O modo como o próprio Freud reconta o mito, contudo – a postulação de uma resolução na fase edípiana do desenvolvimento humano – reafirma o final feliz do paradigma da piada: o sujeito se identifica com seu antigo rival, renúncia ao amor impossível escolhendo um objeto substituto para garantir o

prolongamento de seu circuito de desejo, um resto produtivo que o envia em busca de outro encaixe.

Finalmente, em outro texto crucial sobre constructos sociais e triangulação, “*Escritores criativos e devaneios*”, o Pai/Padre Freud insiste no papel do ocultamento (*Ankleidung*) no processo criativo: o escritor suaviza seus próprios devaneios – eles próprios já versões “ocultadas” do mesmo tipo de pulsões eróticas que motivam o processo de contar piadas – a partir de “alterações e disfarces.”<sup>56</sup> Em outras palavras, para satisfazer um desejo, o escritor deve apresentar o “objeto” pra um *voyeur* (o leitor), mas apenas após um disfarce, um vestir-se que erotiza o despir-se, como na piada. O triângulo quanto a contar piadas pode ser sobredeterminado, como no diagrama abaixo.<sup>57</sup>

Esse diagrama mostra como o cenário edipiano é realmente apenas um caso de um processo “automático” muito maior. Longe de simplesmente barrar o desejo, ele o recicla, acoplando uma máquina desejante com outras que leem, riem e que compulsivamente repetem o circuito que define suas próprias “pulsões”, pesadas e leves. A piada *deve* ser contada a outra pessoa, por vingança e para produção de prazer. A piada é consistente com o drama edipiano não porque tudo lembra ao contador da piada de sua Mãe e do seu Pai, mas porque, na cadeia desejante, tudo se liga a outros planos, outras ligações desejantes, outros planos de consistência. O diagrama edipiano é um rizoma.

Ao final do processo de contar a piada, o ouvinte “triumfante” sobrevoa o espaço esburacado em busca de uma nova conexão. Então, o cenário edipiano envia o estranho homem em uma linha nômade de fuga desterritorializada em direção ao Outro, para desestabilizar um novo território, com “um resto”: o ânimo desejante deixado pelo impacto do desfêcho cômico, o encontro com Édipo enquanto Outro. E o que é a cena da piada? É o “espaço” do inconsciente, nem liso nem estriado, mas *ou* liso *ou* estriado *ou* esburacado: como o próprio espaço sideral, um grande O preenchido com enormes buracos negros que cospem um vácuo onde muito da matéria e toda a “gravidade” está... faltando.

\*

Então levemos Édipo Internauta ao próximo milênio. O campo lúdico da piada não é tão diferente do ciberespaço. O que seria um trajeto labiríntico de mensagem senão uma viagem no espaço, uma peregrinação estampada no cabeçalho – uma cadeia significativa na qual o sujeito é um sujeito para outro significativo, o endereço uma mensagem para outro endereço? É um “trajeto” que é também um fio – não um “atar o inconsciente dos dois lados”, como Deleuze e Guattari acusam, mas um levar-nos aqui e acolá (*fort* e *da*) – percorrendo pedaços ligados de desejo de estação em estação, de parada em parada, de sujeito em sujeito. Nessa fórmula, o ciberespaço é um *playground* virtual de desejo como excesso. Pois, acaso realmente precisamos de toda essa informação, sob demanda? O ato de conversar é mais importante que a conversa. Mais importante do que o que os Édipos *millennials* perguntam é como e onde eles perguntam, por qual circunlocação passam: viagens ciberespaciais envolvem trajetos em zigue-zague, um efeito de nossa situação relativa à “identidade” imaginária do outro (um tipo de URL [isto é, um endereço de página na Internet] psíquico, onde o outro pode ser

“localizado”, mas não encontrado).

Para citar a ode de amor de Deleuze e Guattari ao dispositivo rastreador, um avatar sem rosto do Outro lacaniano: “Você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afetos não subjetivados.” “A maravilha de uma vida não humana.”<sup>58</sup> De igual modo o é Édipo, um viajante do espaço nômade, monstruoso e humano, uma máquina desejante: na Era da Informação, o desejo e o social são ainda os únicos jogadores, apenas trocando de lugares. A versão cibernética de suas interações manifesta a proibição edipiana como cena e desvio, o labirinto do hipertexto liga as condições da comunicação ex(cêntrica) (Você não irá diretamente do ponto A ao ponto B sem navegar na Internet). Pois estar *online* não mitiga ou até mesmo reflete o desejo, mas sim o engendra. O ciberespaço está repleto de questões edipianas: quem são meus Outros? O que é humano? Quem está lá fora? Você pode sair (ou entrar) em meu grupo de conversa e brincar? O Outro (o Grande O) pode justamente ser Édipo, convidando-os a ficar online.<sup>59</sup>

Com o movimento de Édipo de herói grego a ciborgue, de tragediógrafo a contador de piadas, percorremos os pontos de convergência entre o que Deleuze e Guattari chamam os três “estratos” de energia e matéria – o antropomórfico, o orgânico e o inorgânico.<sup>60</sup> Pois todos os três estratos estão enredados na figura do caldeirão (que apita), onde a energia transforma matéria, uma máquina desejante que produz e libera desejo, na medida em que ela “libera vapor.” O Homem de Lata é um caldeirão vivo que vaza lágrimas reais, enferrujando-se no processo e que também apita: “Quem dera se ao menos eu tivesse um coração”. Um modelo do dispositivo rastreador de Deleuze e Guattari, Caldeirédipo é humano, é um organismo e é metálico, tudo ao mesmo tempo – um corpo sem órgãos em uma linha de fuga sobre o arco-íris em busca de um bom cardiologista.

\*

Deixe-me concluir com o que Deleuze e Guattari chamam de “a maravilha de uma vida não humana”, o que eu chamo de Édipo não-orgânico, seguindo os ensaios imaginativos de Manuel DeLanda “Vida Não-orgânica” e “Imanência e transcendência na Gênese da Forma.”<sup>61</sup> Nestes ensaios e em outros textos<sup>62</sup>, DeLanda desenvolve a diferença entre árvore e rizoma, aplicando a distinção entre hierarquias e a redes de malha. Hierarquias, ele diz, são formadas por coagulação desaceleração nos fluxos de biomassa, genes, memes e normas como um resultado de enrijecimento e sedimentação, ou estratificação; redes de malha, contudo, são caracterizadas pela fluidez, resultando da erosão e proliferação dos nódulos, segmentos e agenciamentos. Hierarquias, tais como árvores, se fixam e se consolidam verticalmente, enquanto redes de malha – rizomas tais como os cristais ou a internet – se espalham e se ramificam. Ademais, existem “máquinas abstratas” por trás dos processos que engendram estruturas e que produzem redes de malha e hierarquias particulares enquanto produtos históricos. DeLanda também fornece uma exegese relevante da noção de máquinas abstratas como diagramas de engenharia, como um dispositivo rastreador ou de busca cegos, definindo “a borda”

de um processo ou os parâmetros que governam o surgimento de agenciamentos.

Similarmente, em sua conclusão de *Mil platôs*, Deleuze e Guattari nos dizem que máquinas abstratas constituem devires, ou seja, elas transformam algo aberto em outra coisa,<sup>63</sup> daí o estatuto privilegiado que eles reservam à metalurgia, que estuda mudanças de estado – fluidez e rigidez – e à funilaria, o ofício dos nômades. A matéria-energia é desterritorializada pela metalurgia nômade na qual ferramenta, ornamento e arma manifestam formas e funções coextensivas.

Então, seria Freud/Édipo uma vanguarda – uma máquina abstrata – ou um bloqueio, uma resistência aos fluxos de energia? Seria ele como um fabricante de caldeirões, um metalúrgico ou um funileiro itinerante, uma matéria-energia ambulante e desterritorializada? Ou ele “pararia”, uma vez resolvido o seu complexo de modo bem-sucedido? Ele cria redes de malha ou estratificações? Ele postula um inconsciente eterno com um romance familiar imutável ou descreve um agenciamento funcional, atravessando fronteiras, invadindo novos territórios, desestabilizando qualquer casa que ele entre, o catalisador invadindo a consciência, o retorno do foracluído, provocando um cataclisma?

DeLanda afirma que tais sistemas auto-organizacionais de matéria alcançam pontos de bifurcação, onde um agente catalisador muda o curso dos acontecimentos. Oscilações de energia (como o *fort-da*) buscam a correta viscosidade, transformam a estase ou o caos em um padrão estável de movimento oscilatório, tais como aqueles do clima ou de relógios químicos.<sup>64</sup> Nesses termos, acredito que Édipo e a triangulação, ou a intersubjetividade – que compele os sujeitos humanos a repetir e a viver –, poderiam ser considerados de tal modo que eles dão à vida humana sua viscosidade apropriada, sua oscilação estável. O ponto de bifurcação, a catálise *entre-cruzada*, ocorreria em um encontro entre sujeitos – implicando a intersubjetividade no sentido que tanto Lacan quanto Althusser dão para a interpelação –, tipo um encontro em uma encruzilhada entre um andarilho e um velho anônimo que entram em disputa e transformam o curso dos acontecimentos.

Dito de outro modo, Édipo, construído globalmente, marca a convergência de campos de força, do desejo enquanto movimento, uma oscilação – ou, ao menos, a oscilação entre estados de relativa estabilidade, uma balança em movimento, uma resiliência, uma oscilação estável –, um movimento governado por atratores. A resiliência é a vida no limite, suspensa entre a estase e o caos. É a existência disposta na borda de um ponto de atração ou descanso, lar ou morte, ou ainda “estabilidade” compreendida como a matéria-energia presa no campo de um atrator. Na verdade, em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud fornece um excelente exemplo de tal estado de resiliência, os efeitos de pulsões em competição que levam ao movimento, *fort e da*, um certo equilíbrio entre a necessidade de se realizar uma descarga de energia (o prazer) e a necessidade de recarregar o organismo ou de manter um nível específico de energia. Édipo necessita de um desvio, um trajeto estendido para um fim retardado, evitando o curto-circuito em ainda outro agenciamento maquinico que desenvolve um longo circuito (como contar uma piada, como escrever). *Mas o campo de força criado pela oscilação não é somente uma metáfora*; ele é uma descrição de como o desejo (energia) se comporta quando ele encontra uma condição catalítica específica, o que Deleuze e Guattari, inclusive DeLanda, chamam de bifurcação. A repetição compulsiva *fort-da* é um atrator periódico ou cíclico, onde a energia é investida, alternadamente, em

processos de vida e morte. Apesar de Fréudipo poder ser interpretado como uma narrativa familiar, então, ele também pode ser interpretado como um diagrama maquinico que descreve um agenciamento material funcionalista. Como os próprios Deleuze e Guattari notam, nunca se para e nunca se satisfaz com morrer – ou, como eu acrescentaria, com o viver. Pois o que Freud chama de uma resolução bem-sucedida do complexo de Édipo é encontrar uma balança na borda do atrator, entre o caos e a estratificação. Essa é a razão por que Deleuze e Guattari estão errados ao pensar o circuito edipiano como uma batalha familiar com vencedores e perdedores, legisladores e infratores da lei; existem apenas nódulos de circuito que conectam dois elementos e disjuntores que os separam. Jamais pode haver intersubjetividade com menos que três elementos precisamente porque o terceiro é um catalisador, algo como o extra “ou” no “ou... ou... ou” das disjunções inclusivas.

Isso corrobora com o que Deleuze afirmou em sua fase pré-anti-edipiana sobre o Édipo ser estritamente indecível – não é um comportamento, mas os parâmetros de um agenciamento. Desse modo, Édipo é multifacetado, procurando e agindo diferentemente em diferentes configurações sociais: cada conjunto de condições determinadas faz a máquina abstrata produzir uma viscosidade completamente diferente – Édipo o rei, paranoico e déspota; Édipo o estrangeiro, intrépido e revolucionário; e mesmo Édipo o homem feliz, perverso ou contador de piadas. Entretanto, ele sempre experiencia uma bifurcação na encruzilhada graças ao encontro com o terceiro, o catalisador que aparece para ser atingido pelo desfecho cômico. Comentando sobre essa analogia entre o catalisador e o terceiro contador de piadas, DeLanda observa que “ela esclarece a importância do número 3 na ciência (um mínimo de três atores para fazer a dinâmica intersubjetiva funcionar soa como um limite crítico de massa, que após ser ultrapassado causa o surgimento de um novo agenciamento).” *Ménages* ou orgias intersubjetivas funcionariam como “pontos de inflexão”, catalisadores para bifurcação. Édipo tem todas as armadilhas de um agenciamento: formas enredadas, atratores estranhos (a Esfinge), figuras do destino (o Oráculo), bifurcações como escolhas entre destinos (as encruzilhadas) e o empuxo de mais de um atrator (Tebas ou Corinto? Penumbas do espantelho na encruzilhada dando direções confusas para Oz).

De fato, acredito que Deleuze e Guattari formam um agenciamento triangular com Freud a partir do qual uma teoria surge, já transformada. Nós *bimillennials* deveríamos ser anti-anti-edipianos, já que Édipo é ele próprio já anti-edipiano: um errante, um resto fragmentado das maquinações inescapáveis do desejo cego, sem conteúdo específico. Ele segue uma trajetória, uma “codificação” oracular ou um programa, não em resposta a um desejo específico por sua mãe, que ele sequer conhece, ou uma animosidade específica com relação ao seu pai, um completo estranho. Ele não mata o pai Simbólico ou casa com a mãe Simbólica; ele opera no automatismo do Real. Nem bom nem mal por si, Édipo é uma máquina abstrata, efetuando conexões ou as retardando. Como Deleuze e Guattari afirmam, o inconsciente coloca um problema de uso: “O inconsciente não levanta problema algum de sentido, mas unicamente problemas de uso. A questão do desejo não é ‘o que isso quer dizer?’, mas *como isso funciona*.”<sup>65</sup> (Claro, é um caldeirão, mas ele retém água?)

Assim, Deleuze estava correto em *Diferença e repetição*: Édipo é indecível; a sociedade é um meio para a circulação de objetos “impessoais”, esburacados ou intactos, roubados ou presenteados. Deleuze e Guattari o afirmam do seguinte modo: “Não existe

triângulo edipiano: Édipo está sempre aberto num campo social aberto”<sup>66</sup>, cujos efeitos serão determinados pelas condições que formamos e que nos formam. Mas ainda que eles recusem o *ménage à trois*, Deleuze e Guattari concedem que “nunca se desterritorializa sozinho”: o Édipo cego anuncia Antígona, que é três companheiras (mutuamente exclusivas) em uma – *ou mentora ou irmã ou filha*. Cego, esse dispositivo rastreador tem buracos negros no lugar de olhos – espaços esburacados: buracos em sua cabeça; um cavaleiro andante quixotesco com armadura esburacada, com anéis faltando em sua “cota de malha”; Édipo e Antígona como Dom Quixote e Sancho Pança – não guerreiros em guerra, mas uma máquina de guerra no sentido de Deleuze – em uma jornada esburacada. Essa necessidade por companheiros em fuga é também familiar ao Homem de Lata, que se junta em um agenciamento intersubjetivo para a jornada à Cidade das Esmeraldas, o grande O que é a capital de Oz. O Internauta, viajando através do espaço esburacado (*Star Trek* encontra a *Odisseia*) – repleto de enigmas, com buracos negros e armadilhas – navegando entre monstros e impiedosas rochas vivas – é parte de um agenciamento sujeito a um campo de força. (O Mago é de fato um atrator estranho, um atrator/distrador na longa jornada sobre o arco-íris, mesmo se “não há lugar como o lar.”) O arco-íris é um espaço liso e estriado, uma arca/arco terminando em um caldeirão furado preenchido com ouro-dos-tolos, cujo desfecho cômico é que, apesar de termos ido aos confins da terra, jamais saímos de casa. Como Édipo. Pois, apesar do espaço global liso da Terra ser estriado, com coordenadas inscritas para controlar o progresso, ele sempre coloca o andarilho num círculo completo.

Deleuze e Guattari chamam essa disjunção nômade itinerante de movimento ou fuga; Freud a chama de deslocamento, a motilidade do desejo, o retorno do recalçado. Mas podemos todos concordar com o enigma lírico que é a última palavra sobre o espaço em *Mil platôs*, que nos garante que mesmo os fechamentos mais satisfatórios possuem brechas, que a estrada de ladrilhos de ouro tem buracos; apenas precisa-se resolver o enigma da Esfinge ou desvelar o Mago ou “ser pego” pelo desfecho cômico para ser destroçado pela descoberta. Deleuze e Guattari nos avisam, ao encerrar suas explicações sobre o liso e estriado, do que Édipo e seus avatares sempre estiveram contra: “Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar.”<sup>67</sup>

## REFERÊNCIAS

- BUCHANAN, Ian (Org.). *A DELEUZIAN CENTURY?*. Durham: Duke University Press, 1999.
- DELANDA, Manuel. *A thousand years of nonlinear history*. Nova Iorque: Swerve Editions, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. Trad. Robert Hurley e Mark Seem. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012c.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie*. Paris: Les Édition de Minuit, 1980.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011c.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2011b.
- FLIEGER, Jerry Aline. *Is Oedipus Online? siting Freud after Freud*. Cambridge: MIT Press, 2005.
- FLIEGER, Jerry Aline. *The Purloined Punch Line: Freud's Comic Theory and the Postmodern Text*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018a.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas e Completas de Sigmund Freud (Vol. 9)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Moses and monotheism*. Trad. Katherine Jones. Letghworth: Hogarth Press; The Institute of Psycho-analysis, 1939.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2018b.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 7: o chiste e sua relação com o inconsciente (1905)*. Trad. Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- JAMESON, Frederic. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Órgãos sem corpos: Deleuze e suas consequências*. Trad. Manuella Assad Gómez. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

## NOTAS

- 1 Trata-se do capítulo “*Overdetermined Oedipus: Mommy, Daddy, and Me as Desiring-Machine*” in: BUCHANAN, Ian. (Org). *A Deleuzian Century?*. Durham: Duke University Press, 1999. (N.T.)
- 2 DELEUZE; GUATTARI; 1983 [na edição brasileira, 2011c (N.T.)].
- 3 A autora se refere aqui à chamada Geração Y ou *millennial* que compreende aqueles que nasceram entre os anos de 1982 e 2004. Esta é a geração marcada pela plena inserção no espaço virtual da informática e das novas mídias digitais (N.T.).
- 4 DELEUZE; GUATTARI; 1987 [na edição brasileira a obra foi dividida em cinco volumes, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2012c (N.T.)].
- 5 DELEUZE; GUATTARI; 1987, p. 37-38 [p. 66 da edição brasileira, 2011a, *Mil Platôs v.I* (N.T.)].
- 6 Conforme o *Vocabulário da psicanálise* de Laplanche e Pontalis, o termo *Verneinung* possui no *corpus* freudiano uma conotação ambígua, ora significando uma negação que incide sobre o conteúdo proposicional, mas também como recusa por parte do sujeito da reconhecer a realidade, isto é, uma espécie de rejeição de uma percepção traumatizante pelo sujeito. A fim de destacar este último aspecto perceptivo, alguns tradutores franceses e brasileiros optaram por traduzir o referido termo por *déni* ou *denegação*, mas como veremos, Laplanche e Pontalis oferecem uma outra possível tradução para este termo dentro da teoria lacaniana mais apropriada para explicitar os processos inconscientes que ela coloca em questão. Deste modo, de acordo com os autores franceses, essa recusa deve ser compreendida dentro da teoria lacaniana da forclusão, isto é, da abolição simbólica do significante fálico, já que não apenas o conteúdo proposicional ou perceptivo é negado (*verneint*), mas uma parte da própria estrutura simbólica é expulsa pelo sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 197). Isto coloca o conceito de *Verneinung* estreitamente próximo do de recusa (*Verleugnung*), cujo protótipo encontra-se na recusa da castração simbólica. Acerca deste processo de recusa da realidade, os autores franceses prosseguem que: “Ora, a recusa por si só não traduz o que a clínica observa nas psicoses e

no fetichismo. Com efeito, nota Freud, ‘o problema da psicose seria simples e claro se o ego pudesse desligar-se totalmente da realidade, mas isso acontece raramente, talvez nunca’ (2a). Em toda psicose, mesmo na mais profunda, pode-se constatar a existência de duas atitudes psíquicas: ‘... uma que leva em conta a realidade, a atitude normal, a outra que, sob a influência das pulsões, desliga o ego da realidade’ (2b). É esta segunda atitude que se traduz na produção de uma nova realidade delirante. No fetichismo, a coexistência de duas atitudes contraditórias no seio do ego é constatada por Freud em relação à ‘realidade’ da castração: ‘Por um lado [os fetichistas] recusam o fato da sua percepção que lhes mostrou a falta de pênis no órgão genital feminino’; esta recusa traduz-se na criação do fetiche, substituto do pênis da mulher; mas ‘... por outro lado, reconhecem a falta de pênis na mulher, da qual tiram as conseqüências corretas. Estas duas atitudes persistem lado a lado ao longo de toda a vida sem se influenciarem mutuamente. É a isso que se pode chamar uma clivagem do ego [Ichspaltung]’ (2c). Freud, ao introduzir a expressão ‘clivagem do ego’, chegou a indagar se aquilo que estava assim introduzindo era ‘... há muito conhecido e evidente ou totalmente novo e surpreendente’ (3). Com efeito, a existência no seio de um mesmo sujeito de ‘... duas atitudes psíquicas diferentes, opostas e independentes uma da outra’ (2d) está na própria base da teoria psicanalítica da pessoa. Mas, ao descrever uma clivagem do ego (intra-sistêmica) e não uma clivagem entre instâncias (entre o ego e o id), Freud quer pôr em evidência um processo novo em relação ao modelo do recalque e do retorno do recalcado. Com efeito, uma das particularidades deste processo é não levar à formação de um compromisso entre as duas atitudes em presença, mas mantê-las simultaneamente sem que entre elas se estabeleça relação dialética.” (LAPLANCHE; PONTALIS; 2001, p. 67). Portanto, é a partir da íntima relação que a negação (*Verneinung*) possui com a recusa da realidade (*Verleugnung*) por meio do processo de clivagem do ego, isto é, da ocorrência de duas atitudes coexistentes e contraditórias do ego sem que ele se aperceba de tal conflito que a estrutura psicótica e perversa mantém entre si uma proximidade que as remete à sexualidade infantil e à teoria infantil da sexualidade. Neste sentido, conforme nos dizem Laplanche e Pontalis, “Foi essencialmente a partir do exemplo privilegiado do fetichismo que, depois de 1927, Freud elaborou a noção de recusa. No estudo consagrado a esta perversão (*O fetichismo [Fetischismus]*, 1927), mostra como o fetichista perpetua uma atitude infantil ao fazer coexistirem duas posições inconciliáveis: a recusa e o reconhecimento da castração feminina. A interpretação que Freud apresenta do fato ainda é ambígua: tenta explicar essa coexistência invocando os processos do recalque e da formação de um compromisso entre as duas forças em conflito; mas mostra também como esta coexistência constitui uma verdadeira clivagem em dois (*Spaltung, Zwiespältigkeit*) do sujeito. Nos textos posteriores (*A clivagem do ego no processo de defesa [Die Ichspaltung im Abwhervorgang]*, 1938; *Esboço de psicanálise [Abriss der Psychoanalyse]*, 1938), esta noção de clivagem do ego vem elucidar mais claramente a de recusa. As duas atitudes do fetichista – recusar a percepção da falta de pênis na mulher, reconhecer esta falta e tirar daí as conseqüências (angústia) – ‘... persistem ao longo da vida lado a lado sem se influenciarem reciprocamente. É o que podemos chamar uma clivagem do ego’ (4). Esta clivagem deve ser distinta da divisão instituída na pessoa por qualquer recalque neurótico [, porque]: 1) Trata-se da coexistência de dois tipos diferentes de defesa do ego, e não de um conflito entre o ego e o id; 2) Uma das defesas do ego incide na realidade exterior: recusa de uma percepção. Podemos ver neste delineamento progressivo que Freud faz do processo de recusa um sinal, entre outros, da sua constante preocupação em descrever um mecanismo originário de defesa perante a realidade exterior. [...]. A noção de recusa inscreve-se nesta linha de investigação, e é mais exatamente prefigurada em certas passagens de *O homem dos lobos*: ‘No fim subsistiam nele, lado a lado, duas correntes opostas, uma das quais tinha horror à castração enquanto a outra estava pronta a admiti-la e a consolar-se com a feminilidade como substituto. A terceira corrente, a mais antiga e a mais profunda, que tinha rejeitado pura e simplesmente (*verworfen hatte*) a castração e na qual não havia ainda julgamento sobre a realidade desta, essa corrente era certamente ainda reativável.’ (5) Nestas linhas afirmam-se já a idéia de clivagem da personalidade em diversas ‘correntes’

independentes, a de uma defesa primária consistindo numa rejeição radical, e finalmente a de que esse mecanismo incide preferentemente na realidade da castração. Este último ponto é sem dúvida o que melhor permite compreender a noção freudiana de recusa, e também prolongar e renovar a sua problemática. Se a recusa da castração é o protótipo e talvez até a origem das outras recusas da realidade, convém que nos interroguemos sobre o que Freud entende por ‘realidade’ da castração ou percepção desta. Se é a ‘falta de pênis’ da mulher que é recusada, é difícil falar de percepção ou de realidade, porque uma ausência não é percebida como tal, só se torna realidade na medida em que é relacionada com uma presença possível. Se é a própria castração que é rejeitada, a recusa incidiria não numa percepção (pois a castração nunca é percebida como tal), mas numa teoria explicativa dos fatos (uma ‘teoria sexual infantil’). Lembre-se, a propósito, que Freud referiu constantemente o complexo ou a angústia de castração não à percepção de uma realidade pura e simples, mas à conjunção de dois dados: verificação da diferença anatômica entre os sexos e ameaça de castração pelo pai [...]. Estas observações permitem-nos perguntar se a recusa, cujas conseqüências na realidade são tão evidentes, não incidirá fundamentalmente num elemento básico da realidade humana, mais do que num hipotético ‘fato perceptivo’” (LAPLANCHE; PONTALIS; 2001, p. 436-437). E como vimos, pelo menos para a teoria lacaniana, esta negação se origina na expulsão do significante fálico do domínio simbólico, daí então a recusa da realidade e a subsequente clivagem do sujeito dependerem da negação de uma teoria explicativa dos fatos oriunda do reconhecimento da diferença anatômica dos sexos e da angústia proveniente da ameaça de castração. Como vimos, trata-se antes de mais nada na resistência do sujeito ao significante fálico que se encontra foracuído do domínio simbólico, produzindo tanto a negação (*Verneinung*) quanto a recusa da realidade (*Verleugnung*) manifestas na sexualidade infantil, na perversão e na psicose (N.T.).

- 7 Segundo o *Vocabulário de psicanálise*, *Disavowel* é o vocábulo inglês utilizado para verter *Verleugnung*. Assim, Flieger insinua que Deleuze e Guattari mantém, a despeito de sua patente e excessiva revolta anti-edipianizante, uma posição fetichista com relação ao complexo que investe a castração e seus efeitos enquanto objeto de desejo e fascinação precisamente pelo modo como ela se encontra negada em sua teoria. Optamos por verter todas as ocorrências deste termo, inclusive em suas formas verbais, por recusa, a fim de explicitar que a crítica psicanalítica realizada por Flieger incide não somente sobre o conteúdo de seu texto, mas está presente em sua própria forma (N.T.).
- 8 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 314 [p. 415 da edição brasileira, 2011c (N.T.)].
- 9 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 271 [p. 360 da edição brasileira, 2011c (N.T.)].
- 10 *Probe-head* in., dispositivo rastreador pt., *têtes chercheuses* no original fr. Conceito deleuzo-guattariano utilizado em *Mil Platôs* para caracterizar o aspecto desterritorializante das máquinas abstratas, pois como eles nos dizem : “ É porque vimos os dois estados bastante diferentes da máquina abstrata: ora presa nos estratos onde assegura desterritorializações somente relativas, ou desterritorializações absolutas que permanecem entretanto negativas; ora, ao contrário, desenvolvida em um plano de consistência que lhe confere uma função “diagramática”, um valor de desterritorialização positivo, como a força de formar novas máquinas abstratas. Ora a máquina abstrata, por ser de rostidade, irá rebater os fluxos sobre significâncias e subjetivações, sobre nós de arborescência e buracos de abolição; ora, ao contrário, por operar uma verdadeira “desrostificação”, libera de algum modo dispositivos rastreadores [*têtes chercheuses*] que desfazem em sua passagem os estratos, que atravessam os muros de significância e iluminam buracos de subjetividade, abatem as árvores em prol de verdadeiros rizomas, e conduzem os fluxos em linhas de desterritorialização positiva ou de fuga criadora.” (DELEUZE; GUATTARI; 2012a [*Mil Platôs*, v.3], p. 66-67) (N.T.).
- 11 Dada a data da primeira publicação deste texto, em 1997, a autora se referia ao prenúncio dos anos 2000 naqueles anos finais da década de 90 do século passado (N.T.).
- 12 Em inglês há uma polissemia da palavra *subject* que pode envolver tanto o tema de um discurso, isto é, um objeto, quanto a noção de sujeito epistemológico, moral, etc por oposição àquilo que é seu objeto. Neste sentido, a autora se refere tanto a uma concepção

de objetos que são discretamente distintos, como a série dos números naturais {1,2,3...} e, por isso, descontínuos, quanto, por analogia, à série dos sujeitos que manteriam o mesmo tipo de descontinuidade uns com os outros, isto é, que não pertenceriam a um mesmo campo de continuidade perceptiva (N.T.).

- 13 A autora se refere aos quatro volumes de *A história da Sexualidade*, onde Foucault realiza a gênese da problemática da sexualidade na sociedade ocidental, mostrando que ela não foi de modo algum objeto de alguma repressão social, mas, muito pelo contrário, passou a ser cada vez mais (re)investida pelos dispositivos de poder a fim de que esses pudessem se expandir. Ainda em seu primeiro volume, *A vontade de saber*, Foucault enunciava seu inimigo teórico: a hipótese da repressão sexual, pois como ele nos diz “Entretanto, o postulado inicial que gostaria de sustentar o mais longamente possível é que esses dispositivos de poder e de saber, de verdade e de prazeres, esses dispositivos tão diferentes da repressão, não são forçosamente secundários e derivados; e que a repressão não é sempre fundamental e vitoriosa. Trata-se, portanto, de levar a sério esses dispositivos e de inverter a direção da análise: ao invés de partir de uma repressão geralmente aceita e de uma ignorância avaliada de acordo com o que supomos saber, é necessário considerar esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de poder.” (FOUCAULT, 2020, p. 82).
- 14 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 41-42 [p. 61 da edição brasileira, 2011c (N.T.)].
- 15 DELEUZE, 1994 [na edição brasileira, 2018 (N.T.)].
- 16 Isto é, tanto em aparência, em sua superfície, quanto em fundamento, em sua estrutura interna (N.T.).
- 17 A autora parece se referir ao papel que o complexo edipiano assume enquanto constitutivo da estrutura da repetição em *Diferença e Repetição*, cujo resumo mais suscito pode ser encontrado em “NOTA 12: SOBRE AS TRÊS REPETIÇÕES” do capítulo 2 “A repetição para si mesma” (DELEUZE; 2018, p. 172) (N.T.).
- 18 Trata-se da peça de teatro *A máquina infernal* do poeta e dramaturgo francês Jean Cocteau (1889-1963), onde ele busca realizar uma releitura do mito de Édipo (N.T.).
- 19 Trata-se de uma brincadeira infantil analisada por Freud em *Além do princípio de prazer* mais ou menos semelhante àquelas que realizamos no Brasil quando os pais escondem seus rostos dos filhos e perguntam onde está o “papai” ou a “mamãe” à criança, com a diferença que, no relato freudiano, trata-se da própria criança que é ao mesmo tempo agente e espectadora da brincadeira. Nos relata Freud: “As diferentes teorias sobre a brincadeira infantil foram reunidas e apreciadas analiticamente apenas há pouco [...]. Essas teorias se empenham em descobrir os motivos da brincadeira das crianças sem colocar em primeiro plano o ponto de vista econômico, a consideração pelo ganho do prazer. Aproveitei, sem querer abranger o todo desses fenômenos, uma oportunidade que me foi oferecida para esclarecer a primeira brincadeira de um menino de um ano e meio de idade, uma brincadeira que ele mesmo inventou. Foi mais do que uma observação fugaz, pois passei algumas semanas vivendo sob o mesmo teto que a criança e seus pais, e levou relativamente bastante tempo até que a ação enigmática e constantemente repetida me revelasse seu sentido. Essa criança não estava de maneira alguma adiantada em seu desenvolvimento intelectual; com um ano e meio, falava apenas umas poucas palavras inteligíveis, dispoendo além disso de vários sons significativos que eram compreendidos pelo entorno. Mas ela tinha boas relações com os pais e a única empregada, sendo elogiada por causa de seu caráter ‘comportado’. Não perturbava os pais durante a noite, obedecia conscienciosamente às proibições de tocar vários objetos e entrar em cômodos, e, sobretudo, nunca chorava quando a mãe a deixava por horas, embora estivesse ternamente ligada a essa mãe, que não só a alimentou por conta própria, mas também cuidou e tomou conta dela sem qualquer ajuda alheia. Só que essa criança bem-comportada tinha o hábito, às vezes incômodo, de jogar para bem longe de si – num canto, debaixo de uma cama etc. – todo os pequenos objetos que pegava, de modo que encontrar seus brinquedos muitas vezes não era um trabalho fácil. Ao fazê-lo, emitia, com expressão de interesse e satisfação, um alto e longo ó-ó-ó-ó, que, segundo o juízo unânime da mãe e deste observador, não era uma interjeição, mas significava ‘fort’ [foi embora]. Finalmente

percebi que aquilo era uma brincadeira e que a criança usava todos os seus brinquedos apenas para brincar de ‘foi embora’ com eles. Um dia, então, fiz a observação que confirmou minha concepção. A criança tinha um carretel de madeira com um fio enrolado nele. Jamais lhe ocorria, por exemplo, arrastá-lo atrás de si pelo chão, ou seja, brincar de carinho com ele, mas jogava o carretel com grande habilidade, segurando-o pelo fio, sobre a borda de sua caminha com dossel, de maneira que ele desaparecia dentro dela; enquanto isso, pronunciava o seu significativo *ó-ó-ó-ó* e então puxava o carretel pelo fio para fora da cama, agora saudando seu aparecimento com um alegre ‘da’ [aí está]. Essa era, portanto, a brincadeira completa, desaparecimento e retorno, da qual na maioria das vezes víamos apenas o primeiro ato, e este foi repetido incansavelmente como brincadeira isolada, embora o prazer maior sem dúvida estivesse ligado ao segundo ato. A interpretação da brincadeira era óbvia então. Relacionava-se com o grande feito cultural da criança, com a renúncia impulsional (renúncia à satisfação dos impulsos que ela tinha realizado ao permitir que a mãe fosse embora sem opor resistência. A criança se compensava, por assim dizer, encenando ela própria esse mesmo desaparecimento e retorno com os objetos a seu alcance. Naturalmente, pouco importa para a avaliação afetiva dessa brincadeira se a criança a inventou por conta própria ou dela se apropriou em consequência do estímulo (FREUD, 2018a, p. 54-57) (N.T.).

20 DELEUZE; GUATTARI, 1983, p. 365 [p. 484 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

21 DELEUZE; GUATTARI, 1983, p. 111 “Os três erros sobre o desejo denominam-se a falta, a lei e o significante” [p. 152 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

22 DELEUZE; GUATTARI, 1983, p. 175 [p. 232 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

23 Com a expressão *Tirédipo Rex*, a autora, que mantém o humor em todo seu artigo, faz alusão à soberania do dinossauro Rex (*Tyrannosaurus Rex*) em seu mundo e a Édipo (*Oedipus*) no nosso, já que ambos constituiriam seres demasiado poderosos para se escapar ao seu domínio. Ademais, ambos os nomes possuem fonética semelhante, pois partilham de mesma desinência em inglês (*us*) (N.T.).

24 DELEUZE; GUATTARI, 1983, p. 81 [p. 102 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

25 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 170, 320, 374 [p. 226, 424 e 496, respectivamente, da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

26 DELEUZE; GUATTARI; 1983, 242-243 [p. 322-323 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

27 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 217 [p. 287 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

28 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 26 [p. 43 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

29 Segundo o *Vocabulo de psicanálise*, investimento é um “Conceito econômico[ que expressa] O fato de uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 254). Desse modo, o conceito de investimento encontra-se ligado ao motilidade das representações e desejos inconscientes, uma vez que estes podem se deslocar e serem reinvestidas em novos objetos, de modo que investimentos e contrainvestimentos psíquicos compõem uma das categorias fundamentais da economia psíquica, perfazendo o princípio motor da maquinaria inconsciente. Como nos dizem Laplanche e Pontalis: “A noção de contra-investimento é invocada por Freud principalmente no quadro da sua teoria econômica do recalque. As representações a recalcar, na medida em que são investidas constantemente pela pulsão e tendem incessantemente a irromper na consciência, só podem ser mantidas no inconsciente se uma força igualmente constante se exercer em sentido contrário. Em geral, o recalque supõe, portanto, dois processos econômicos que mutuamente se implicam: 1) retraimento pelo sistema [pré-consciente] do investimento até então ligado a determinada representação desagradável (desinvestimento); 2) contra-investimento, utilizando a energia que a operação precedente tomou disponível. Aqui se coloca a questão de saber o que é escolhido como objeto do contra-investimento. Convém notar que o contra-investimento tem como resultado manter uma representação no sistema de onde provém a energia pulsional. Trata-se, pois, do investimento de um elemento do sistema préconsciente-consciente que impede o aparecimento, em seu lugar, da representação recalçada. O elemento contra-investido pode ser de diversas naturezas: um simples derivado da

representação inconsciente (formação substitutiva, por exemplo o animal fóbico que é objeto de vigilância especial e destinado a manter recalçados o desejo inconsciente e as fantasias conexas), ou um elemento que se opõe diretamente a ela (formação reativa, por exemplo a solicitude exagerada de uma mãe pelos filhos encobrendo desejos agressivos; a preocupação de limpeza que vem lutar contratendências anais). Por outro lado, o que é contra-investido pode ser tanto uma representação como uma situação, um comportamento, um traço do caráter, etc., continuando o objetivo a ser sempre manter da forma mais constante possível o recalque. Nesta medida, a noção de contra-investimento exprime o aspecto econômico da noção dinâmica de defesa do ego; explica a estabilidade do sintoma que, segundo a expressão de Freud, é ‘mantido dos dois lados ao mesmo tempo’. A indestrutibilidade do desejo inconsciente opõe-se a rigidez relativa das estruturas defensivas do ego, que exige um permanente dispêndio de energia.” (2001, p. 100-101) (N.T.).

30 A título de exemplo, conta-se como disjunção inclusiva a postura fetichista adotada pelo perverso quanto à realidade da castração, exposta na nota 7 da presente tradução, onde duas abordagens contraditórias com relação ao mesmo fato são coexistentes sem que uma entre em conflito com a outra (N.T.).

31 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 76. [p. 105-106 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

32 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 321 [p. 424-425 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]

33 Aqui a autora se refere ao símbolo algébrico que representa o Grande Outro (*Autre/Other*) barrado nos esquemas lacanianos. Ele surge quando, a partir da castração do sujeito pela intervenção do significante, este descobre que o falo também falta ao Outro (). Acerca deste processo nos diz Lacan em *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* que: “A perversão é a estrutura do sujeito para quem a referência da castração, isto é, o fato de a mulher se distinguir por não ter o falo, é também estamponada, mascarada, preenchida pela operação misteriosa do objeto [de desejo] *a*. Trata-se de uma maneira de evitar a hiância radical, na ordem do significante, representada pela castração. A base e o princípio da estrutura perversa estão em evitar isso, provendo esse Outro, como assexuado, de alguma coisa que substitua a falta fálica. Se vocês me permitem terminar com uns trocadilhos humorísticos, retomarei uma formulação que já lhes apresentei uma vez. Será que o Outro do perverso não é o desginei com o termo *homela*, *hommelle*? [...] Esse *homela*, por que não escrevê-lo modificando o nosso , no sentido de que, aqui, é de um não falho que temos o significante ? O fornece a chave da perversão. Inversamente, acaso não é no nível do significado da falha que a divisão do A se apresenta no neurótico? Digamos , o significado do Outro barrado. Isso tem grande interesse de ordenação topológica, e equivale também a mostrar que é no nível do enunciado que se articula o texto do sintoma neurótico. Assim se explica que seja entre o campo do eu, tal como ele se ordena especularmente, e o desejo, no que ele se articula com relação ao campo dominado pelo objeto *a*, que se joga o destino da neurose. Isto é o que veremos melhor da próxima vez, quando baseando-me nesse antigo grafo, poderei mostrar-lhes o lugar ocupado pelo no funcionamento da neurose. [...] Dizer que o significado do A como barrado, marcado por sua falha lógica, vem expressar-se plenamente no neurótico nos esclarece o que há de inaugural na experiência do neurótico. Quanto ao neurótico, ele não mascara o que acontece com a articulação conflituosa no nível da própria lógica. O fato de o pensamento falhar, em seu próprio lugar de jogo provido de regras, eis o que dá o verdadeiro alcance da distância que dele toma, em sua experiência, o próprio neurótico. Para terminar com um novo trocadilho, desses que lhes anunciei e cujos encontros a situação da língua permite, que há de surpreendente, se nos divertimos com a palavra *homela*, em transformá-la, no andar inferior, em *famiele* [*fami!*]? Esse *famiele*, não é que ele realmente parece nos mostrar, como um clarão instantâneo, o que acontece com a função metafórica da própria família? Se, para o perverso, é preciso que haja uma mulher não castrada, ou, mais exatamente, se ele a cria como tal e como *homem-ela*, será que o *famiele* não se faz notar, no horizonte do campo da neurose, como esse algo que é um *ele* [*il*] que em algum lugar, mas cujo *eu* é o que está verdadeiramente em jogo naquilo de que se trata no drama familiar? Trata-se do objeto *a* como liberto. É ele que cria todos os problemas da

- identificação. É com ele que é preciso acabar, no nível da neurose, para que se revele a estrutura de que se trata resolver, ou seja, o significante de A barrado, a estrutura pura e simples. (LACAN, 2008, p. 283-285).” Assim, apesar do Outro funcionar enquanto lei que determina a ordem significativa, Ele é tão somente um lugar vazio, pois apenas existe enquanto castrado, incompleto (N.T.).
- 34 FREUD, 1961, p. 62 [p. 91 da edição brasileira, 2017 (N.T.)].
- 35 *La logique du chaudron* diria Derrida, a lógica do *paiuolo* em italiano (N.T.).
- 36 Este tema é desenvolvido por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, no Problema III: “Como os nômades inventam ou encontram suas armas”, Proposição VIII: “*A metalurgia constitui por si mesma um fluxo que concorre necessariamente para o nomadismo*” (cf. 2012c, p. 90-118). (N.T.).
- 37 Em seu comentário à obra de Deleuze, *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*, Žižek irá retomar esta refutação anti-anti-edipianizante a partir da lógica do caldeirão (2008, p. 90-98) (N.T.).
- 38 A autora vai desenvolver tais disjunções em algumas defesas (três) (N.T.).
- 39 Conceito freudiano que denota o objeto que serve de apoio para uma pulsão sexual, especialmente no processo que pulsões sexuais derivam e se destacam daquelas de autoconservação, como nos dizem Laplanche e Pontalis: “Em 1905, na sua primeira elaboração teórica da noção de pulsão, Freud descreve a estreita relação existente entre a pulsão sexual e certas grandes funções corporais. Essa relação é particularmente evidente na atividade oral do lactente: no prazer encontrado na sucção do seio, ‘...a satisfação da zona erógena estava a princípio estreitamente associada à satisfação da necessidade de alimento’ (1a). A função corporal fornece à sexualidade a sua fonte ou zona erógena; indica-lhe imediatamente um objeto, o seio; por fim, causa-lhe um prazer que não é redutível à pura e simples satisfação da fome, uma espécie de prêmio de prazer: ‘... em breve a necessidade de repetir a satisfação sexual irá separar-se da necessidade de nutrição’ (1b). A sexualidade, portanto, só se torna autônoma secundariamente e, uma vez abandonado o objeto exterior, funciona no modo auto-erótico [...]” (2001, p. 31) (N.T.).
- 40 A chamada disposição perversa polimorfa diz respeito à plasticidade da libido em se utilizar de outras pulsões e zonas erógenas como apoio para sua satisfação. Neste sentido, toda perversão é polimorfa. Acerca do conceito de perversão cf. nota 49 da presente tradução (N.T.).
- 41 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 100 [p. 137 da edição brasileira, 2011c (N.T.)].
- 42 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 352. [p. 467 da edição brasileira, 2011c (N.T.)].
- 43 Frederic Jameson (1934 -) é um crítico literário e filósofo marxista autor da obra *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*, onde procura desenvolver uma síntese entre a teoria marxista da ideologia e a psicanálise freudolacaniana (N.T.).
- 44 FREUD, 1939 [edição brasileira, 2018b (N.T.)].
- 45 Segundo Laplanche e Pontalis: “[A pulsão de morte ou Tãtatos] representa a tendência fundamental de todo ser vivo a retomar ao estado anorgânico. Nesta medida, ‘se admitirmos que o ser vivo veio depois do ser não-vivo e surgiu dele, a pulsão de morte harmoniza-se bem com a fórmula [...] segundo a qual uma pulsão tende ao retorno a um estado anterior’(1a). Nesta perspectiva, “todo ser vivo morre necessariamente por causas internas” (2a). Nos seres pluricelulares, ‘... a libido encontra a pulsão de morte ou de destruição que neles domina, e que tende a desintegrar esse organismo celular e a levar cada organismo elementar (cada célula) ao estado de estabilidade anorgânica [...]. Ela tem por tarefa tomar inofensiva essa pulsão de destruição e desembaraça-se dela fazendo-a derivar em grande parte para o exterior, dirigindo-a contra os objetos do mundo exterior, em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, a musculatura. Esta pulsão chama-se então pulsão de destruição, pulsão de dominação, vontade de poder. Uma parte dessa pulsão é posta diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a cumprir. É o sadismo propriamente dito. Outra parte não segue esse deslocamento para o exterior; permanece no organismo onde está ligada libidinalmente [...]. É nela que devemos reconhecer o masoquismo originário, erógeno’ (3a). No

desenvolvimento libidinal do indivíduo, Freud descreveu o jogo combinado da pulsão de vida e da pulsão de morte, quer na sua forma sádica (2c), quer na sua forma masoquista (3b). As pulsões de morte inscrevem-se num novo dualismo em que se contrapõem às pulsões de vida (ou Eros) que daí em diante vão compreender o conjunto das pulsões anteriormente diferenciadas por Freud [...]. As pulsões de morte aparecem pois, na conceituação freudiana, como um tipo inteiramente novo de pulsões, que não tinha lugar nas classificações precedentes (o sadismo e o masoquismo, por exemplo, eram explicados por um jogo complexo de pulsões de objetivo absolutamente positivo) (4a); mas, ao mesmo tempo, Freud vê nelas as pulsões por excelência, na medida em que nelas se realiza de forma eminente o caráter repetitivo da pulsão.” (2001, p. 408) (N.T.).

- 46 A formação do eu é tratada na teoria freudiana, especialmente quando lida por Lacan, a partir do modo como o sujeito passa, por meio de identificações imaginárias, a se separar do meio indistinto no qual está inserido. Neste sentido, nos dizem Laplanche e Pontalis que “Numa perspectiva genética, podemos conceber a constituição do ego como unidade psíquica, correlativamente à constituição do esquema corporal. Podemos ainda pensar que tal unidade é precipitada por uma determinada imagem que o sujeito adquire de si mesmo segundo o modelo do outro, e que é precisamente o ego. O narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem. J. Lacan relacionou este primeiro momento da formação do ego com a experiência narcísica fundamental que designa pelo nome de fase do espelho (7). essa perspectiva, em que o ego se define por uma identificação com a imagem de outrem, o narcisismo - mesmo ‘primário’ - não é um estado do qual estaria ausente toda e qualquer relação intersubjetiva, mas a interiorização de uma relação. É essa justamente a concepção que ressalta de um texto como *Luto e melancolia* (*Trauer und Melancholie*, 1916), onde Freud parece não ver no narcisismo nada mais do que uma “identificação narcísica” com o objeto (8)” (2001, p. 288). Segundo a perspectiva genética do eu, o narcisismo pode então ser dividido em duas fases: uma dita primária, marcada por uma fase infantil num estado anobjetal, onde não há clivagem entre o sujeito e o mundo, e outra dita secundária, marcada por um reinvestimento da libido sobre o ego quando retirada dos seus investimentos objetais, sendo, portanto, posterior ao complexo edípiano e à castração (N.T.).
- 47 A clivagem do eu ou do *ego* é uma: “Expressão usada por Freud para designar o fenômeno muito particular — que ele vê operar sobretudo no fetichismo e nas psicoses — da coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas para com a realidade exterior quando esta contraria uma exigência pulsional. Uma leva em conta a realidade, a outra nega a realidade em causa e coloca em seu lugar uma produção do desejo. Estas duas atitudes persistem lado a lado sem se influenciarem reciprocamente.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 65). Acerca da relação entre a clivagem do eu e a recusa da realidade, cf. nota 7 da presente tradução (N.T.).
- 48 Na psicanálise, o masoquismo é analisado dentro do quadro geral da perversão, compreendida como uma estrutura ou posição que o sujeito pode vir a ocupar. Neste sentido, a teoria da perversão sexual freudo-lacanianiana deve ser ligada à formação do eu durante os processos de narcisismo primário e secundário e o desenvolvimento da sexualidade infantil, pois “[...] a pulsão sexual falta à criança, instala-se no momento da puberdade. em estreita relação com o processo de maturação, manifesta-se sob a forma de uma atração irresistível exercida por um dos sexos sobre o outro, seu objetivo seria a união sexual ou, pelo menos, ações que tendam para esse objetivo” (2a). A frequência dos comportamentos perversos caracterizados, e sobretudo a persistência de tendências perversas, subjacentes ao sintoma neurótico ou integradas no ato sexual normal sob a forma de ‘prazer preliminar’ conduzem à idéia de que ‘... a disposição para a perversão não é algo raro e singular, mas uma parte da chamada constituição normal’ (2b), o que vem confirmar e explicar a existência de uma sexualidade infantil. Esta, na medida em que está submetida ao funcionamento das pulsões parciais, estreitamente ligada à diversidade das zonas erógenas. e na medida em que se desenvolve antes do estabelecimento das funções genitais propriamente ditas, pode ser descrita como ‘disposição perversa polimorfa’. Nesta perspectiva, a perversão adulta surge como a persistência ou o reaparecimento de uma componente parcial da sexualidade.

Posteriormente, o reconhecimento por Freud de fases de organização dentro da sexualidade infantil e de uma evolução na escolha de objeto irá permitir concretizar esta definição (fixação numa fase, num tipo de escolha de objeto); a perversão seria uma regressão a uma fixação anterior da libido. Assim se vêem as conseqüências que pode ter a concepção freudiana da sexualidade para a própria definição do termo perversão. A chamada sexualidade normal não é um dado da natureza humana: ‘... o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher não é óbvio [...], mas é um problema que precisa ser esclarecido’ (2c). Uma perversão como, por exemplo, a homossexualidade surge em primeiro lugar como uma variante da vida sexual: ‘A psicanálise recusa-se em absoluto a admitir que os homossexuais constituam um grupo com características particulares, que poder ia ser separado do grupo dos outros indivíduos [...] Ela pode estabelecer que todos os indivíduos, sejam eles quais forem, são capazes de escolher um objeto do mesmo sexo, e que todos fizeram essa escolha no seu inconsciente.’ (2d) Poderíamos mesmo ir mais longe nesse sentido, e definir a sexualidade humana como sendo, no fundo, ‘perversa’, na medida em que nunca se desliga inteiramente das suas origens, que a fazem procurar sua satisfação não numa atividade específica, mas no ‘ganho de prazer’ ligado a funções ou atividades que dependem de outras pulsões [...]. Até no exercício do ato genital, basta que o sujeito se apegue excessivamente ao prazer preliminar para deslizar para a perversão (2e)’. (N.T.).

- 49 A autora se refere ao legado da psicanálise de Jacques Lacan (1901-1981), que permanece colocando em xeque princípios clínicos básicos defendidos pela Associação Americana de Psicologia (APA) (N.T.).
- 50 DELEUZE; GUATTARI; 2011c, p. 149 (N.T.).
- 51 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 109. [p. 149 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]
- 52 Para uma elaboração do paradigma de se contar piadas o qual estou me referindo aqui, confira o capítulo 4 do meu livro sobre o chiste: FLIEGER, Jerry Aline. *The Purlined Punch Line: Freud's Comic Theory and the Postmodern Text* [A piada roubada: A Teoria Cômica de Freud e o Texto Pós-moderno]. Baltimore: John Hopkins University Press, 1990, p. 89-122.
- 53 Cf. FREUD, 1961, p. 98-100 [p. 141-146 da edição brasileira, 2017, (N.T.).]
- 54 FREUD, 1961, p. 139 [p. 198 da edição brasileira, 2017, (N.T.).]
- 55 DELEUZE, GUATTARI; 1983, p. 6, 41. [p. 16-17 e 61 da tradução brasileira, 2011c (N.T.).]
- 56 FREUD, 1908, p. 153 [p. 142 da edição brasileira, 1996, (N.T.).]
- 57 Cf. FLIEGER, 1990, p. 94.
- 58 DELEUZE; GUATTARI; 1987, p. 191, 262 [p. 68 e p. 51-52 da edição brasileira, respectivamente, 2012a e 2012b, *Mil Platôs v.3 e v.4* (N.T.).]
- 59 Para uma discussão mais aprofundada, confira FLIEGER, Jerry Aline “*Is Oedipus On-line?* [Édipo está online?]”(artigo apresentado na Cyberconf5, Madri, 1996), in: *Pre-Texts: Studies in Writing and Culture*. Org. HIGGINS, John. Londres: Carfax, aceito para publicação [este artigo integrou posteriormente o livro *Is Oedipus Online? siting Freud after Freud* [Édipo está online? Situando Freud depois de Freud] onde a autora expande os temas aqui desenvolvidos, cf. **Referências** (N.T.).]
- 60 Cf. DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 44-74. [p. 69-115 da edição brasileira, DELEUZE; GUATTARI; 2011, *Mil Platôs v.1* (N.T.).]
- 61 DeLanda, Manuel, “Nonorganic Life” in: *Incorporations*, Org. Jonathan Crary e Sanford Kwinter (Nova Iorque, 1992), p. 128-167; e “Immanence and Transcendence in the Genesis of Form” que aparece nesta edição de SAQ.
- 62 DELANDA, Manuel. *A Thousand Years of Nonlinear History*. Nova Iorque: Zone Books, no prelo [ a obra referida já foi publicada cf. DELANDA, 2000].
- 63 DELEUZE; GUATTARI; 1987, p. 510-514 [p. 241-246 da edição brasileira, 2012c, *Mil Platôs v.5* (N.T.).]
- 64 DeLanda, *Thousand Years of Nonlinear History*, p. 154-157.
- 65 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 109 [p. 149 da edição brasileira, 2011c (N.T.).]
- 66 DELEUZE; GUATTARI; 1983, p. 96 [p. 132 da edição brasileira, 2011c, (N.T.).]
- 67 DELEUZE; GUATTARI; 1987, p. 500 [p. 228 da edição brasileira, 2012c, *Mil Platôs v.5*

(N.T.)].